

LEMONS, Fabiano (org. e trad.). *As outras constelações: uma antologia de filósofas do romantismo alemão*. Belo Horizonte: Relicário, 2022. 212 p.

Rafael Fava Belúzio
Universidade Federal do Espírito
Santo (UFES) | Vitória | ES | BR
favabeluzio@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-8394-3335>

[4.] *As outras constelações: uma antologia de filósofas do romantismo alemão*, volume organizado por Fabiano Lemos (professor de Filosofia da UERJ), é publicado em 2022, pela Relicário Edições. O livro, em suas cerca de 200 páginas, reúne um conjunto de textos escritos, entre o final do século XVIII e o começo do XIX, por mulheres ligadas ao Romantismo alemão. A própria constituição fragmentária da antologia dialoga com recursos estéticos caros às escritas da tradição romântica; assim, na medida em que procuro discutir algumas aberturas encontradas na obra, talvez caiba aqui também dialogar esteticamente com a noção de fragmento.

[9.] “O ser humano enquanto ser humano é ele mesmo uma obra de arte [...] e consiste no alternar, nele, entre consciência e não consciência” (Varnhagen *apud* Lemos, 2022, p. 91), assim consta em um dos [Fragmentos privados] de Rahel Varnhagen, escrito em 1801 e publicados na antologia. O trecho ajuda a situar um pouco o momento em que esses textos de filósofas românticas são escritos. Cabe lembrar que, na aurora do século XIX, está um tanto distante o paradigma medieval de Tomás de Aquino; a filosofia se afasta de uma ontologia interessada em pensar, um tanto teologicamente, o mundo. Tratar o ser humano como uma obra de arte, tal como faz Rahel Varnhagen, lembra o que diz Pico Della Mirandola, com sua virada antropológica, ao indicar que não via nada de mais admirável do que o ser humano. Varnhagen está alinhada a uma filosofia moderna; um momento em que ganha novo impulso o interesse em tradições como o ceticismo; uma ética no seu traço mais humano; uma política voltada para questões mais mundanas; um conhecimento que não se

pensa cotejando suposta iluminação divina; uma estética que não é tanto experiência que se subordina à metafísica. Por esse ângulo de observação, no horizonte estão pensadores como Nicolau Maquiavel, Giordano Bruno, René Descartes e David Hume. No entanto, de acordo com Rahel Varnhagen, não é só de consciência – moderna – que vive o homem, chegando a indicar que no ser humano alternam consciência e não consciência. A autora também já se mostra aberta a um paradigma – por assim dizer, pós-moderno – que depois estará mais ligado a nomes como Sigmund Freud e Gilles Deleuze, os quais reconhecem os limites da consciência e dimensões como atos falhos, ainda que a filósofa romântica em questão não possa ser, em estrito e historicamente, alinhada ao pós-moderno. Rahel Varnhagen e as demais escritoras de *As outras constelações* ficam mesmo luzindo em uma espécie de segunda modernidade. O Romantismo alemão está sob os impulsos das críticas de Immanuel Kant e sentindo os efeitos de estar distante do sono dogmático; é, ademais, influenciado pela consciência da revolução copernicana científica e filosófica; além de cada autor nesse momento, e de modos variados, trazer para si, e para o texto literário-filosófico que produz, uma consciência crítica do mundo e de si mesma.

[18.] Os gêneros textuais presentes em *As outras constelações* são expressivos. Carta, resenha, anotação em diário, fragmento, diálogo, poema, crítica, enfim, uma gama de textos que estão alinhados à estética do Romantismo alemão. São produções interessadas em pensar os limites da voz, afastadas da dicção pretenciosa como a de uma suma teológica; ao mesmo tempo, em *As outras constelações*, há textos empenhados na sinalização de nuances femininas da escrita e de espaços literários íntimos aos quais muitas vezes as mulheres ficam submetidas. O que existe de suposta minoridade no diário e na carta pode ser visto enquanto potente sinal de resistência daquelas que tantas vezes foram oprimidas. Elas escrevem em um ambiente machista e desenvolvem expressivas estratégias para a publicação feminina, como a ausência de assinatura e a utilização do nome de um homem como etiqueta nominativa, máscara, em revistas como *Athenäum*. Em contexto marcado por filosofia que se quer feita coletivamente – uma sinfilosofia –, o uso de máscaras permite, por vezes, tanto a circulação das ideias de algumas mulheres quanto os silenciamentos.

[23.] O tradutor e organizador do volume, Fabiano Lemos, chama a atenção para a dificuldade de traduzir os textos, posto que muitos deles fazem usos de variantes linguísticas que tensionam erro e poesia, “sendo indecível a demarcação do que constitui erro gramatical ou opção poética” (Lemos, 2022, p. 31). Assim, não raro, a opção é traduzir literalmente, mesmo casos como os versos, sem se ater tanto às particularidades da lírica. Isso é notável na citação de um poema de Friedrich Schiller, mencionado por Caroline Pichler, de modo que na nota de rodapé consta: “traduzo sem intenção poética, apenas literalmente” (Lemos, 2022, p. 108). Dessa maneira, a edição perde um pouco do vigor poético; mas cabe reconhecer a dificuldade de executar uma tradução que consiga atender o alto grau lírico do romantismo alemão. O livro vai caminhando no sentido de criar aberturas.

[32.] Dorothea Von Schlegel, em dois fragmentos de seus diários franceses (os de número 24 e 28), está próxima de certa tradição cética e chega a comentar Blaise Pascal. Não por acaso, no fragmento 24, discute o lugar da dúvida, a importância dela como gesto. Coloca a dúvida como ponto médio (mas não exatamente como na mediania aristotélica), talvez como ponto crítico de virada entre duas instâncias, entre a natureza e a cultura, entre a infância e a for-

mação. Por assim dizer, a mesma dúvida que ocupa lugar fundamental no pensamento de filósofos como Descartes e Pascal.

[35.] Ler, hoje, os fragmentos de Dorothea von Schlegel pode ser também um ponto crítico – na medida que expõe limites e possibilidades – em relação aos cânones do próprio ceticismo, ou da Filosofia, em termos mais gerais: por que (quase) não há mulheres entre os autores celebrados? Quais as raízes desse silenciamento? Em relação aos cursos de Filosofia e ao cânone filosófico em sentido mais amplo, quantas mulheres são estudadas nas graduações e pós-graduações? Quais outros apagamentos são realizados?

[39.] É curioso ainda notar que também Dorothea von Schlegel apresenta aspectos questionáveis em seu texto. Não deixa de ecoar como xenofobia o momento em que a autora delinea sua visão sobre um traço da cultura francesa. No discurso que se pode dizer ligado a uma minoria, como nesses fragmentos de diário feminino, pode também estar atravessada uma fala que expõe, acerca de algum assunto, visão de mundo também preconceituosa. As identidades são múltiplas e perpassadas por diversas questões, sendo no mínimo curiosa a interseção entre o que talvez seja, em Dorothea von Schlegel, a condição de minoria e a condição de xenófoba.

[48.] O ritmo relativamente rápido de apresentação das filósofas em *As outras constelações*; o traço fragmentário da obra; a sua capacidade de criar aberturas, demonstrar possibilidades ainda não muito vislumbradas nas tradições, especialmente no Brasil; tudo isso parece coordenado. A própria ideia de constelação, no sentido proposto por Walter Benjamin, realça os escombros luminosos que luzem no céu noturno, de modo que se possa traçar, com gesto humano, configurações estelares afeitas a gerar alternativas de sentido. O livro de Fabiano Lemos não é um trabalho exaustivo sobre as filósofas do Romantismo alemão; longe de se dizer um tratado, uma suma; a própria antologia, enquanto gesto, constitui um fragmento, uma abertura de caminhos, uma forma de dizer que há muito ainda por se fazer.

[57.] O recorte de incursões traz ganhos não apenas epistemológicos, embora consiga sim dizer sobre a certa ausência de estudos de filosofias elaboradas por mulheres e sobre a necessidade de dar voz a elas, reconhecendo que há traços específicos no conhecimento por elas desenvolvido. *As outras constelações* – título plural e feminino – vem a público em 2022, duzentos anos depois de um processo de Independência notadamente marcado por homens; cem anos depois da Semana de Arte Moderna, evento um tanto masculino; quase dez anos depois dos acontecimentos feministas eclodidos em 2013; em um ano eleitoral em que se vê embates ligados ao lugar da mulher e à importância que ela vem assumindo na esfera pública do país. Nesse panorama, o livro publicado pela Relicário, que possui Máira Nassif como coordenadora editorial, é incisivamente político. *As outras constelações*, organizado por Fabiano Lemos, é um fragmento de vozes femininas a evocar novos cantos. Não quer, ingenuamente, dizer tudo; porém consegue mostrar, sentimentalmente, a necessidade de dizer mais.